

**A comida, o comer e as raízes pulsionais da alimentação: da clínica do sujeito à clínica da civilização atual**

**La nourriture, le manger et les racines pulsionnelles de l'alimentation : de la clinique du sujet à la clinique de la civilisation actuelle**

**Food, eating and the instinctual roots of eating: from the clinic of the subject to the clinic of current civilization**

**Flavia Lana Garcia de Oliveira**

Orcid: [0000-0001-5338-9417](https://orcid.org/0000-0001-5338-9417)

Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF  
(Niterói, Brasil)

Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ – Bolsista PNPD-CAPES (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Associação Universitária de Psicopatologia de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social - LAPSO (Niterói, Brasil)

E-mail: [flavianago@gmail.com](mailto:flavianago@gmail.com)

**Resenha do livro:**

Cosenza, D. (2025). *A comida e o inconsciente*. Londrina: Editora Sintoma, 275p.

Os estudos psicanalíticos na área de transtornos alimentares encontram um suporte importante nas publicações do psicanalista e professor Domenico Cosenza. Este reconhecido pesquisador do campo há mais de vinte anos, com vasta experiência clínica junto a sujeitos que apresentam estas sintomatologias, é autor de numerosos artigos e de pelo menos dois livros anteriores que se tornaram referência para o tema das manifestações do adoecimento psíquico nos dias de hoje – *A recusa na anorexia*, de 2008, e *Clínica do excesso: Derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea*, publicado no Brasil em 2018 e lançado originalmente em 2014. Mestre e Doutor em Psicanálise pela Universidade de Paris VIII, Cosenza é AME membro da *Scuola Lacaniana de Psicoanalisi* (SLP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Além disso, atua como professor da Universidade de Pavia, na Itália, pela cadeira de *Psicopatologia do comportamento alimentar*. A consistência de sua trajetória se revela também no fôlego para a produção deste terceiro livro, de tal modo que *A comida e o inconsciente*, traduzido diretamente do italiano para o português e lançado em 2025, promete se tornar uma nova leitura obrigatória aos interessados nessas investigações.

O livro é um convite a ir além dos jargões, aprofundando de modo cuidadoso a lógica do ensino de Lacan a partir da orientação de Miller na abordagem de anorexias, bulimias, transtornos da compulsão alimentar e obesidades. Apresenta discussões de alta densidade teórico-conceitual, ao mesmo tempo em que revela uma sólida bagagem clínica, a qual é transmitida a partir de vinhetas de casos que vão dando contorno às teses do autor. No lastro de Freud e de Lacan, Cosenza insere

toxicomanias, alcoolismo, anorexias, bulimias e obesidades no conjunto das dependências patológicas, cujo denominador comum é a incidência de um supereu sádico que ordena ao sujeito que goze sem limites. Valoriza, de saída, a presença desses fenômenos clínicos como soluções, por mais precárias que possam ser, diante de uma emergência do real que, nas neuroses, repercute como algo não simbolizado para o sujeito e, nas psicoses, como algo não simbolizável e muito difícil de suportar por remeter à fragmentação estrutural do sujeito. Em tempos de elevação do objeto *a* ao zênite da estrutura discursiva que rege a civilização atual (Lacan, 1970/2003), o apelo a um gozo autoerótico através de uma substância ou de um determinado uso do corpo facilita a instalação de desregulações pulsionais como os transtornos alimentares.

A desconexão brutal da esfera simbólica do Outro – que permite tratar o que há de real e inevitável neste laço – gera obstáculos à consolidação de um tratamento de tipo analítico que exige conexão ao saber inconsciente sob transferência. Ainda que este desligamento patológico do Outro pareça ser compensado, em muitos casos, pela massividade da relação. Essa dinâmica é reconhecível fenomenologicamente nos casos envolvendo transtornos alimentares no excesso de servidão, benevolência e disponibilidade em um certo tipo de relação que escraviza o sujeito muito mais do que o orienta para uma via mais vitalizante. Por fim, um novo eixo parece dizer respeito à tese de que os transtornos alimentares são prova de uma nova era do inconsciente em que predominam modos de defesa extremos diante da castração, mais perpassados pelo horror a um saber que evoque esta causa psíquica.

A composição desta publicação possui um total de quatorze capítulos. Todos são formados pela atualização de textos sobre transtornos alimentares escritos por Cosenza em diferentes épocas ao longo das duas últimas décadas. Tais capítulos são distribuídos no livro em quatro partes. A primeira delas se chama *Sintomas da civilização contemporânea*. Um notável ponto que recebeu desdobramento é a dimensão de sintoma social das patologias alimentares. A crescente frequência de casos de anorexia e bulimia nos últimos quarenta anos nos países de capitalismo avançado introduz uma exigência a mais em termos de clínica da civilização (Miller & Milner, 2004). Cosenza (2025) denomina como “clínica do discurso social” (p. 37) sua tentativa de ler o mal-estar na cultura contemporânea através dos impactos provocados pelo discurso do capitalista no laço social. As práticas voltadas para a alimentação se dão em um contexto socioeconômico em que a comida não falta e está presente até demais. O autor aborda a recorrente manifestação dos transtornos alimentares em diálogo com a antropologia e com estudos em história da alimentação. Argumenta que uma das alterações geradas pelo discurso do capitalista na ordem simbólica tradicional europeia ocidental é o enfraquecimento da “lei da comensalidade” (Cosenza, 2025, p. 39), que tem sua estrutura originada na Antiguidade clássica e foi fortemente consolidada pelo processo de cristianização. Este processo sedimentou uma infraestrutura simbólica ali onde já se delimitavam padrões públicos invariáveis da relação à alimentação, os rituais de base, o sistema de distribuição “política” dos lugares à mesa, assim como toda a disposição reguladora da experiência alimentar (Cosenza, 2025).

Recuperando esse histórico, Cosenza mostra que, já para os gregos antigos, havia uma politização intrínseca ao ato de comer, que já se configurava como uma ação pública e normatizada. A relação do homem com a comida sempre implicou uma orientação ancorada no grande Outro da civilização. Pertence a uma lógica de discurso, implicando perda de gozo e retorno de satisfação pulsional no interior de um enquadramento simbólico. Nesta direção, o autor examina o enfraquecimento das trocas e do convívio na pós-modernidade. Os tempos, os lugares, as diferenças, as formas de consumo alimentar e as funções humanizadoras das refeições cedem espaço ao consumo dessubjetivado da comida, que é norteado cada vez mais pelas metas da pura nutrição ditadas por discursos de mercado desconectados da singularidade de cada sujeito. A anorexia e a bulimia encarnariam um sintoma coletivo próprio a este tempo por radicalizarem valores mais condizentes com os imperativos categóricos de “aparecer” e de “consumir”, que são levados ao extremo, e não mais recalados no nível do que se permite que todos vejam. Para Cosenza, as desregulações observadas nos transtornos alimentares expressam, de maneira bastante obscena, a recusa desse tratamento cultural das questões da alimentação.

Mas Cosenza dá um passo a mais não hesitando em reenviar esse tópico para a clínica do sujeito. Traz uma releitura deste aspecto quando ressalta que o discurso capitalista degrada em cada caso a eficácia simbólica da interdição edípica. Correlaciona a tendência atual à dessacralização e à desritualização das práticas alimentares à crise na própria instituição familiar enquanto base mais primária para o acesso à ordem simbólica. Defende que, na clínica das psicopatologias alimentares, o Outro familiar perpetua um modo de funcionamento especular. Avançando na elaboração de sua hipótese, aponta que é “frequente encontrar do lado do casal parental a encarnação de uma forma de vínculo que assume para a filha os traços aparentes de um Outro sem gozo” (Cosenza, 2025, p. 54). A impossibilidade de transmissão da castração se mostra nesse vazio de desejo, como desejo morto. O Outro familiar é presentificado na posição materna, que retorna para a filha sob a forma de um supereu cruel que comanda o apagamento do próprio corpo e o acesso ao impulso desejante inerente à posição feminina. Cosenza (2025) aproxima esse “arcaísmo da família da anoréxica” (p. 54) à uma figura possível da família pós-moderna, na medida em que o sujeito não encontra lugar no vínculo familiar como desejante, mas tão somente como complemento narcísico. O gozo se apresenta sem barreiras e sem véus. Em suma, sem um alicerce no Outro simbólico que possa operar causando o desejo.

Além disso, esta parte contém uma instigante retrospectiva sobre como nasceu e quais os pressupostos do paradigma dos novos sintomas como ferramenta para explicar as psicopatologias contemporâneas. Cosenza percorre desde as primeiras formulações no final dos anos de 1980 de Hugo Freda e Bernard Lecoeur, até as atualizações de Miller nos anos de 1990. Chama a atenção para como essa formalização foi uma resposta ao trabalho institucional realizado com toxicômanos, e não através de achados das análises estritas. A busca feroz por uma certeza, tão bem materializada na fixação em um objeto de gozo inanimado, inaugura uma nova configuração psíquica. Miller e Laurent (1996-1997/2005) a consideram coerente com o discurso social do capitalismo tardio a partir dos anos de

1960, no qual prevalece um rebaixamento do Outro simbólico e o culto ao excesso pulsional autístico. Porém, Cosenza é prudente ao advertir que este paradigma não deve ser ontologizado, tampouco deve ser interpretado como um novo diagnóstico estrutural. Sabemos que, via de regra, os novos sintomas desafiam a clínica diferencial entre neuroses e psicoses. Na contramão de uma relativização dessa oposição, o autor não abre mão de pensar a incidência de transtornos alimentares em neuróticos e em psicóticos. Essa disciplina o mantém lúcido em relação ao método clínico e à direção do tratamento, sem transformar a clínica em filosofia embarcando em elucubrações genéricas sobre os novos sintomas.

A segunda parte se chama *A comida como solução para o excesso*. A clínica das obesidades é posta em primeiro plano com uma ênfase pouco frequente na literatura psicanalítica já existente sobre o assunto. Pensada como psicopatologia da hiperalimentação, a obesidade como fenômeno clínico despertou o interesse dos psicanalistas apenas tardivamente, ao contrário da anorexia e da bulimia. Cosenza demonstra como o tipo de sofrimento psíquico aí intrínseco se exprime de forma distinta nesses quadros, uma vez que não se caracterizam em termos epidêmicos como uma clínica do feminino, nem como uma psicopatologia parasitada por um ideal estético de corpo magro que inclui a demanda de ser especial diante do olhar do Outro. Cosenza destaca a obesidade principalmente como uma patologia da perturbação da pulsão oral.

Três hipóteses clínicas interligadas são desdobradas a este respeito. A primeira delas é a alienação radical à demanda do Outro, que leva o sujeito a se colocar em uma posição geralmente bastante submissa à demanda materna. A verdade inconsciente escamoteada nesta posição é que a preservação da onipotência imaginária do Outro evita o confronto com a castração materna, já que a mãe conserva a marca do ilimitado e blindado da ação separadora do simbólico. Afasta-se, consequentemente, qualquer referência à ausência de garantia que, por estrutura, caracteriza o campo do Outro. A segunda hipótese refere-se à rejeição do próprio desejo daí decorrente. De acordo com Cosenza (2025): "O ser tudo para o Outro, sua substancial e extrema disponibilidade à demanda do Outro, livra o sujeito obeso da responsabilidade de escolher aquilo que quer, de assumir um desejo particular" (p. 90). A terceira hipótese corresponde à fixação no circuito autístico do gozo oral. Interessante notar que, ao invés de adentrar na complexa discussão sobre o espectro autista, Cosenza depreende no núcleo do gozo desta posição a ilusão de poder controlar por si mesmo sem precisar passar pela relação com o Outro. Sendo assim, por meio de um verdadeiro "delírio de autonomia" (Cosenza, 2025, p. 97), praticado através da compulsão alimentar, o sujeito obeso suspende temporariamente a demanda do Outro.

Cosenza não deixa de passar pelo problema da dificuldade diagnóstica que cerca o papel compensador da obesidade tanto nas neuroses, quanto nas psicoses. A opacidade da estrutura subjetiva aparece na compulsão alimentar por fechar a divisão subjetiva nas neuroses e ao ocultar a experiência psíquica de fragmentação nas psicoses. Na clínica com psicóticos, a ênfase é dada à solução que estabiliza por erigir uma barreira somática na ausência de um limite simbólico capaz de estruturar para o sujeito uma separação efetiva do Outro. O corpo obeso se instaura aí como abrigo diante do desejo

do Outro. A direção de tratamento serviria principalmente para manter à distância o Outro mau, sádico e onipotente, através de um laço transferencial consolidado pela confiança. O corpo fora do discurso é desconectado da história do sujeito, apartado da dimensão significante constitutiva do sujeito que o habita.

Na obesidade neurótica, por sua vez, a condição do corpo gordo pode atuar como defesa contra a angústia produzida no encontro com o desejo do Outro, mas também como apelo que põe à prova seu amor. Cosenza realça o fato de que, em ambas as clínicas, a possível perda de peso como efeito do trabalho analítico inspira cuidados. São contraindicadas intervenções médicas invasivas apressadas, de um lado, e interpretações edipianas precipitadas, de outro, pelo alto risco de descompensação. Nas psicoses, sobretudo, pelo risco de desencadeamento da depressão melancólica. Nas neuroses, pelo emagrecimento levar a uma reerotização do corpo em sua função do objeto causa do desejo, pode gerar maior angústia justamente pela condição feminina que fica evidenciada no olhar desejante do Outro.

A terceira parte, *O núcleo estrutural da anorexia mental*, faz jus ao seu título, já que Cosenza é cirúrgico no levantamento das principais questões inerentes ao assunto. Seu enfoque é a anorexia tal como foi incluída no último ensino de Lacan. Essa abordagem se distancia da vertente heroico-separativa da repetição anoréxica no primeiro ensino. Para Lacan, esta última baseia-se no empenho em extrair a função simbólica do inconsciente, diferenciando-o do registro do imaginário. Por isso, o primeiro ensino culmina no desenvolvimento do objeto **nada** como simbólico, significante da irredutibilidade do desejo aos objetos da necessidade. A privação alimentar serviria ao protesto frente ao Outro que não se posiciona na troca amorosa em jogo em alimentar e ser alimentado. A outra vertente – própria ao último ensino de Lacan – valoriza a anorexia mental como alienante, resultado da desvitalização do pensamento. Seu paradigma é o estatuto do saber e o tipo de relação mantida pelo sujeito anoréxico, tal como formalizado por Lacan em *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errant* (Lacan, 1973-1974). Neste tempo do ensino de Lacan, o conceito de saber deixa de ser redutível à estrutura completamente simbólica da cadeia significante e passa a ser referido ao núcleo real não significantizável.

Esse deslocamento do estatuto do saber é acompanhado por uma passagem da conceituação do inconsciente de tipo transferencial, enquanto estrutura significante produtora de sentido, ao inconsciente real, depositário de letras e detritos de *lalangue* fora do sentido. Lacan (1973-1974) depreende da recusa anoréxica o horror ao saber inconsciente, a um nível em que o sujeito se deixa morrer ao invés de encontrá-lo. O verdadeiro sistema de vida e de práticas materiais cotidianas que giram em torno do sintoma anoréxico defendem o sujeito de se tornar “tolo” (*dupe*) do inconsciente e dócil às suas manifestações. O saber pelo qual a anoréxica se deixa absorver é muito mais um pseudossaber dessubjetivado. De acordo com Cosenza:

A pergunta obsessiva sobre a comida e sobre comer ou não comer, que a envolve em sua ruminação, encobre para ela o encontro com o horror do saber que diz respeito à não relação

sexual, à estrutura do inconsciente como furada no real, sem garantia. (p. 130).

Cosenza também se debruça sobre um elemento muito costumeiramente mencionado, mas pouco aprofundado, que é a fácil constatação de que as mulheres padecem do gozo anoréxico em frequência muito maior. O autor ultrapassa as visões mais psicossociológicas, sustentadas em frágeis explicações sensacionalistas que remetem aos imperativos estéticos contemporâneos em favor da magreza feminina. Surpreendentemente, pensa de modo mais radical na afinidade estrutural entre a anorexia e o feminino, devido à não-toda inscrição simbólica do sujeito feminino no modo de gozo fálico. A anoréxica experimenta de forma avassaladora o caráter sem-limite do Outro gozo. Cosenza expande essa lógica, inferindo que as psicopatologias contemporâneas comportam um excesso do feminino em consequência do abatimento da operatividade da função paterna e do significante fálico. Afirma que a crise das funções simbólicas da exibição viril masculina e da mascarada feminina expõe as mulheres aos efeitos mais críticos da perda desse lastro fálico em sua potência organizadora do desejo humano. Portanto, a anoréxica não faz do fantasma de ser o falo o traço sintomático que direciona seu gozo.

Por este motivo, o autor diferencia a anorexia contemporânea da anorexia santa, no que se refere ao grande Outro que dá suporte a esse modo de gozo. Nos dias de hoje, não se trata do Outro da religião, da fé ou da transcendência, mas o Outro da versão ideológica da ciência no cientificismo que promove obsessividades em torno de quantificações vazias quanto às medidas do corpo. É o que se expressa no “rigor” anoréxico que proíbe o ganho de um grama a mais e na intransigência do controle do tempo e da organização. A rejeição da comida é comparável à rejeição do que, em última instância, é da ordem do que há de real no laço ao Outro. E, por isso mesmo, não previsível, nem nomeável. Com uma precisão muito sensível, mostra que se rejeita o desejo em sua raiz pulsional por meio da anestesia libidinal do valor simbólico dos alimentos como o que há de mais primariamente humanizador no laço ao Outro.

O autor ainda possui fôlego para trazer os matizes do objeto **nada** na clínica lacaniana da anorexia. Examina este objeto como o coração do gozo anoréxico. Para tanto, segue a orientação de Miller (2009) de que o objeto **nada** é o único objeto que é de não-desejo. No entanto, traz diferentes declinações nas neuroses e nas psicoses, a depender de como está estruturada a posição do sujeito em relação ao saber inconsciente e ao seu núcleo real. Lembrando que é o significante falo que tem a propriedade de significar o nada como significante puro da falta-a-ser, a proposição de Cosenza é a de que, nas neuroses, a anorexia manifesta a incidência do objeto **nada** no ponto de intervalo entre os significantes, tornando assim o funcionamento do saber inconsciente inoperante e desativado, embora não impossível. Sua ação revoga a eficácia do significante fálico, impondo o gozo do Um sem perda.

A configuração da estrutura psicótica não envolve a constituição da própria cadeia significante como articulação do saber, levando a uma resposta mais alinhada à holófrase junto ao campo do Outro. O significante-mestre permanece isolado e fora da dialética, como marca identitária rígida que defende o sujeito como um Outro perseguidor ou abandonador. Cosenza se aproxima, assim, do que há de mais atual nos debates de orientação lacaniana acerca das psicoses ordinárias. As anorexias são uma boa

porta de entrada para este propósito, visto que esses quadros não tendem a engendrar uma construção delirante. Não há uma verdadeira estruturação de uma alucinação auditiva, mas, principalmente, um desencadeamento da injunção superegoica. O padecimento anoréxico aparece mais silenciosamente, porém com relevância expressiva no regime de vida desses sujeitos.

Por fim, na quarta parte, *Anorexia na infância e adolescência*, Cosenza se dirige, ainda com muito vigor, a este outro viés de análise do tema dos transtornos alimentares, tão mencionado e pouco decantado com a devida disciplina conceitual. Observa que, em seu primeiro ensino, Lacan correlaciona o “comer nada” anoréxico a uma sintomatologia da criança em esforço de separação psíquica, enquanto a atitude de horror ao saber é considerada a partir das jovens anoréxicas no encontro com a sexualidade próprio à adolescência. Cosenza se ocupa das continuidades e descontinuidades desses dois tipos de funcionamento. Apesar de não realizar uma revisão bibliográfica sistemática, circunscreve as coordenadas da pedopsiquiatria psicanalítica para chegar à transmissão da orientação lacaniana sobre o problema das diferentes causas desencadeadoras da anorexia infantil. Um aspecto central a ser rastreado na escuta clínica desses casos é a posição do Outro materno e sua angústia diante da criança e de sua alimentação, bem como suas ressonâncias na função do objeto **nada** em relação ao campo do Outro e seus significantes básicos.

A temática da clínica psicanalítica com adolescentes com transtornos alimentares encerra o livro de maneira instigante por conseguir sair do que já é convencionalmente trabalhado nos estudos sobre a puberdade e a adolescência em psicanálise. Cosenza (2025) sublinha a adolescência com um sintoma da puberdade. Os fenômenos pubertários evidenciam o impacto biológico do desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, as modificações no corpo, na voz e nos órgãos genitais que interpelam o sujeito eticamente no âmbito da decisão e da escolha subjetiva. Contudo, aceitar ou recusar as transformações do próprio corpo como corpo sexuado, movido pela pulsão, não é uma travessia sem percalços. A passagem por esse período puberal pode ser sintomatizada como adolescência se o jovem se abre à construção de um modo singular para significantizar e responder ao excesso pulsional que o impele. A partir das contribuições de Lacan (1962-1963/2005), frisa que, por intermédio da maturação do objeto **a** neste tempo da constituição psíquica, a adolescência pode emergir como um trabalho de simbolização na direção da causa do desejo. A adolescência não se reduz a uma reativação dos complexos infantis, mas envolve uma invenção na urgência subjetiva que dá a chance de um horizonte de futuro pelo qual vale a pena acreditar. Toda essa travessia depende da perseverança de um Outro capaz de reconhecer o jovem no que este é único.

O término do livro traz a fina hipótese de que anorexia mental se define como uma lei superegoica absoluta, desprovida de um desejo humanizável no laço com o Outro. É o ímpeto pelo controle mortífero de um corpo submisso ao automatismo da pulsão de morte que faz o sujeito sucumbir neste adoecimento alienante. Não haveria um prolongamento inapropriado da adolescência, ou mesmo um conflito na construção da saída deste tempo. O que se dá, para Cosenza, é a dificuldade de entrar na adolescência como oportunidade de elaboração simbólica de sua posição de sujeito, apoiando-se no

ideal do Eu e na lógica do seu próprio fantasma. A irrupção de um desencontro ou de uma decepção pode deflagrar uma experiência de gozo que só ganha um mau destino no padecimento anoréxico. Cosenza extrai de sua prática clínica diversas circunstâncias que tiveram esse infeliz efeito de eclosão da resposta anoréxica, tais como o trauma repentino da perda de alguém, a traição de uma amizade, o encontro com o gozo sexual, algo inassimilável que provém do genitor ou algum julgamento de um professor.

Como se vê, eis um livro que tece de inúmeras formas um guia bastante corajoso para os estudos em transtornos alimentares. Não hesita em percorrer teórica e clinicamente os conceitos psicanalíticos. Cosenza não deixa de transmitir também algo de sua posição singular como psicanalista de sujeitos afetados por essa modalidade de sofrimento psíquico, indicando como o analista pode se tornar, para um anoréxico, a encarnação de um Outro habitável através de um encontro inédito no tratamento, o qual, de início, parece uma travessia no deserto. Cosenza cumpre com excelência o chamado lacaniano e se coloca à altura da subjetividade de nossa época.

### Referências Bibliográficas

- Cosenza, D. (2014). *Le refus dans l'anorexie*. Rennes: PUR Réseau des Universités Ouest Atlantique.
- Cosenza, D. (2018). *Clínica do excesso* - Derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea. Belo Horizonte: Scriptum. (Trabalho original publicado em 2014).
- Lacan, J. (1973-1974). O Seminário, livro 21: *Les non-dupes errant*. Inédito.
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In: Lacan, J. (Autor). *Outros escritos*. (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1970).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, Livro 10*: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Miller, J.-A & Laurent, É. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós (Trabalho original de 1996-1997).
- Miller, J.-A. & Milner, D. (2004). *Evaluation: entretiens sur une machine d'imposture*. Paris: Agalma.

Miller, J.-A. (Org.). (2009). *Situations subjetives de déprise sociale*. Paris: Navarin Éditeur.

**Citação/Citation:** Oliveira, F. L. G. (mai. 2025 a out. 2025). A comida, o comer e as raízes pulsionais da alimentação: da clínica do sujeito à clínica da civilização atual. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(40), 250-258. Disponível em <https://www.isepol.com/asephallus> DOI: 10.17852/1809-709x.2025v20n40p250-258

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 26/10/2025 / 10/26/2025.

**Aceito/Accepted:** 10/11/2025 / 11/10/2025.

**Copyright:** © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.